

# COLLOQUIUM

REVISTA MULTIDISCIPLINAR DE TEOLOGIA  
ISSN: 2448-2722

## AS RELAÇÕES ENTRE AMOR E ALTERIDADE NA SEGUNDA SEÇÃO DO LIVRO *AS OBRAS DO AMOR* DE KIERKEGAARD

### The relations between love and alterity in the second section of Kierkegaard's Works Of Love

Leandro Henrique Lins Fernandes\*

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6588278779817449>

 <https://doi.org/10.58882/cllq.v8i1.157>

**RESUMO:** As *Obras do Amor* de Søren Kierkegaard trata de alteridade, amor para fora de si. O cristico ensina uma vida circular. O amor deve partir da interioridade de uma vida diante de Deus (*coram Deo*) para o agir diante dos homens. Apesar do cristico se desviar de uma vida voltada para a atenção do mundo exterior, o amor cristão é voltado ao exterior, ao outro. Neste sentido, este artigo tem como objetivo evidenciar as relações entre amor e alteridade em *As Obras do Amor* de Kierkegaard e sua relação com o *Próximo* (*Næsten*) a partir da segunda seção da obra kierkegaardiana sobre o amor.

**Palavras- chave:** Amor; Alteridade; Próximo.

**ABSTRACT:** The Works of Love by Søren Kierkegaard deals with alterity, love outside oneself. The Christic teaches a circular life. Love must start from the interiority of a life before God (*coram Deo*) in order to act before men. Although the Christic deviates from a life focused on the attention of the outside world, Christian love is turned to the outside, toward the other. This article aims to highlight the relationship between love and alterity in Kierkegaard's *The Works of Love* and its relationship to the Neighbor (*Næsten*) from the second section of the Kierkegaardian work about love.

**Keywords:** Love; Alterity; Neighbor.

---

\* Professor de Filosofia Geral e Filosofia do Direito na Universidade São Francisco do Ceará (Crato-CE). Advogado especialista em Direito Penal e Criminologia pela Universidade Regional do Cariri (URCA) e pastor especialista em Teologia Bíblica pela Faculdade Batista do Cariri. Email: leandrolinsf@gmail.com.

## INTRODUÇÃO

“Sempre há lugar quando há lugar no coração”.

(KIERKEGAARD, 2013, p.245)

A tese da heterogeneidade radical entre os estádios não encontra guarida numa interpretação aprofundada de Søren Kierkegaard. Uma interpretação estanque da teoria kierkegaardiana dos estádios existenciais – estético, ético e religioso - é deveras problemática. Para o autor dinamarquês, os estádios posteriores não aniquilam os anteriores. A existência do estádio religioso, por exemplo, não surge apenas quando se termina o estádio ético. O homem religioso não deixa de ser ético, tampouco o ético necessariamente deixa de ser estético por completo. Mesmo o homem mais religioso ainda luta contra as algemas dos sentidos.

A tese acima mencionada parece encontrar fundamento a partir da Suspensão Teleológica da Ética (*Teleologisk Suspension af det Ethiske*) esboçada pelo autor em *Temor e Tremor* (*Frygt og bæven*). Abraão, o cavaleiro da fé, aparenta transpor completamente do estádio ético para o religioso por meio do salto de fé (KIERKEGAARD, 2021). Essa fé transforma o estádio religioso é marcado pela subjetividade, aparentemente, impossível de comportar questões objetivas como alteridade. Não obstante, ao contrário da tese acima formulada, existe uma aproximação real entre o ético e o religioso<sup>1</sup>. E isso fica evidente em *As obras do amor – Algumas considerações cristãs em formas de discursos*, publicadas em Copenhague, em 1847.

A obra é distribuída em duas seções onde a primeira analisa o mandamento do amor ao próximo e a segunda o hino à caridade do apóstolo Paulo (em Primeira Coríntios 13, BÍBLIA, 2000). O trabalho se aprofundará nesta segunda parte agrupando as suas ideias em quatro partes. Fazendo relação com a alteridade, na primeira parte, trabalhará o amor como edificação e crença. Na segunda parte, amor como esperança e abnegação. Na terceira parte, amor como perdão, permanência e misericórdia. Por último, abordará o amor como reconciliação, recordação e sua relação com a alteridade.

De forma geral, *As obras do Amor* de Kierkegaard recorre à filosofia grega, especialmente comparando o amor cristão (*ágape*) ao amor apaixonado platônico (*eros/eskov*) e a

<sup>1</sup> A tese já apontada por André Clair em *Une Éthique de l'amour* e Hélène Politis em *Le vocabulaire de Kierkegaard*, os quais postulam a existência de um Estádio Ético-religioso em Kierkegaard.

amizade aristotélica (*philia/venskab*). A obra é central para entender a questão da alteridade em Kierkegaard. Nela, “a dimensão da alteridade está presente a todo momento” (VALLS, *apud* KIERKEGAARD, 2013, p.13). Diante deste quadro, este artigo tem como objetivo evidenciar as relações entre amor e alteridade nas *Obras do Amor* de Kierkegaard e sua relação com o *Próximo* (*Næsten*) a partir da segunda parte da obra. Como vai afirmar Almeida (2011, p. 106), se “o amor é uma determinação da subjetividade, é possível afirmar que o fundamento da ética da alteridade é o [próprio] amor”. Nesse passo, também a partir de um olhar mais preciso sobre os conceitos de Indivíduo (*den Enkelte*) e Subjetividade<sup>2</sup> (*Subjektivitet*), será proposto ser possível situar o discurso ético a partir do estágio religioso em Kierkegaard, contrapondo a tese retromencionada de separação radical entre estes estádios.

Da hipótese enunciada, também procurar-se-á explicitar que a filosofia kierkegaardiana possibilita a discussão da alteridade mesmo que diante do estereótipo de solipsista e subjetivista aplicado ao autor do dinamarquês. Fugindo da necessidade de se apoiar em outros autores para defender esta ideia (como Levinas), a pesquisa fundamentará a noção de alteridade a partir do próprio Kierkegaard, tomando como referência especialmente a categoria do *Próximo* (*Næsten*) nas *Obras do amor*. Para isso, a pesquisa será de natureza bibliográfica, debruçando-se de forma aprofundada no livro *As Obras do Amor* (1847), especialmente sua segunda seção, e alguns esclarecimentos em outros autores importantes.

Dentro da relação com a alteridade, é importante lembrar que a primeira parte do livro *As obras do amor* trata sobre a origem e os destinatários do amor, o amor como dever e sua relação com a Ética-segunda em comparação com a Ética- primeira em Kant e Hegel. Também trata as devidas relações entre amor e amizade citando as formulações de Platão e Aristóteles sobre a temática, assim como fala como a alteridade só pode se manifestar de

---

2 De fato, para o autor de *Migalhas Filosóficas*, a subjetividade exsurge como categoria essencial da existência. Kierkegaard entende que o autoconhecimento tinha que ser alcançado no nível subjetivo. Insistia que para os indivíduos o subjetivo tinha que ser mais importante que qualquer Espírito Absoluto hegeliano (STRATHERN, 1999, p.22). Ainda com respeito a uma busca por uma objetividade hegeliana, da forma irônica que lhe era peculiar, declara na sua obra *Diário de um Sedutor* (2021, Kindle) de 1843: “Se Hegel tivesse completado a sua lógica e depois dissesse no prefácio que toda coisa não passava de uma experiência do pensamento, mesmo que houvesse feito uma série de suposições injustificadas, teria sido definitivamente o maior pensador de todos os tempos. Tal como é, não passa de uma piada”. Como diria Stewart (2003), para o autor de o *Conceito de Angústia* existe uma esfera superior àquela da moralidade (*Sittlichkeit*) hegeliana. O autor dinamarquês arrebatava e resume a ideia da subjetividade quando vaticina na sua famosa obra de 1846, *Pós-escrito conclusivo não científico às Migalhas filosóficas* (2013): “A subjetividade, a interioridade, é a verdade – essa é minha tese”. Também será importante contrapor a noção kierkegaardiana de amor às noções de eros e filia atribuídas, respectivamente, a Platão e a Aristóteles, assim como explicitar o conceito de *Próximo* conforme analisado por Kierkegaard nas *Obras do Amor*.

forma prática quando se ama como igualdade sem se importar com as diferenças. A primeira seção da obra anuncia que a lei de Cristo só pode ser cumprida quando o indivíduo se coloca a serviço do outro e, diferente do amor meramente humano, o amor divino só pode ser expresso verdadeiramente pela alteridade. Até porque no crístico existe uma dívida para com o amor e amar é fazer pelo outro. O amor dá tudo a todos. A primeira parte, deste modo, esboça a ideia de que uma vida de amor voltada para fora deve ser baseada no interno. A interioridade é o que fundamenta e sustenta as expressões externas do amor. Se o externo é passageiro, o interno traz ao amor permanência e estabilidade.

Já na segunda seção do livro *As Obras do Amor*, o autor de Copenhague sai do fundamento evangélico para a teologia paulina. A partir dos discursos do apóstolo de Tarso sobre o amor, Kierkegaard inicia trabalhando a ideia de amor como aquilo que edifica. Mas para que aja a edificação plena é necessário crença no outro, expectativa de um agir amoroso. Na alteridade, se busca o que é do outro, se perdoa, pois o amor está fundamentado na eternidade misericordiosa divina a partir da qual ele reconcilia a todos. Nem mesmo a morte rasga o verdadeiro amor, ele se abnega do visível e se projeta para a eternidade. É neste passo que a segunda seção das *Obras do Amor* de Søren Kierkegaard vai se desenvolver.

## 1. AMOR COMO EDIFICAÇÃO E CRENÇA E SUA RELAÇÃO COM A ALTERIDADE

Existe uma relação intrínseca entre amar e edificar. Uma vida voltada para o outro em amor, ou seja, alteridade, é destacada como uma vida voltada para construção a partir de fundamentos ou fundações. Edificar é construir algo a partir de um fundamento. O amor é a fundação e edificar é construir a partir da fundação, que é o amor. “Onde quer que esteja o edificante está o amor; e o onde quer que esteja o amor, está o edificante. [...] a mínima palavra pronunciada com amor, a mínima ação realizada com amor ou no amor são edificantes” (KIERKEGAARD, 2013, p.246).

Amor edifica e isso significa que ele edifica amor. Amor é edificação no sentido mais profundo da palavra. Fazer tudo para edificação é a mesma coisa de fazer tudo no amor. O amor edifica, pois, *alteridade*. Isto é: “O amor em sua qualidade característica não se isola; nem se obstina numa certa independência ou num “ser para si” [...] ele se dedica inteiramente [...] tem a característica de se entregar” (KIERKEGAARD, 2013, p.244). É esta entrega e existência voltado para outro, em dedicação completa, que caracteriza a edificação como alteridade. “O amor não é uma qualidade dada por ela mesma, mas uma qualidade pela

qual (ou na qual) tu és para os outros”. (KIERKEGAARD, 2013, p.255). Neste sentido, quem edifica faz o outro crescer com amor o próprio amor (*han opelsker Kjerlighed*).

Edifica-se no amor, pois ele é voltado para o outro. “O que ama implanta o amor no coração de outra pessoa” (KIERKEGAARD, 2013, p.247). O amor edifica porque está disposto a servir ao próximo. A ideia do mandamento do amor é um caminhar pra fora de si, é arrancar o egoísmo da alma. No amor ligado a alteridade se conjuga a ideia de Próximo (*Næsten*) com a ideia de Reduplicação (*Fordoblelse*). Esta é a plena identidade com o próximo, o amá-lo como a si mesmo, o inimigo mortal de todo amor egoísta (CHEVALLIER, 2001).

Amar ao próximo é amar *ao outro* ou todos os homens. Para Kierkegaard, fazendo um contraste com o amor *eros* platônico ou amor romântico, “aquele que é tão extraordinariamente amoroso a ponto de só poder amar uma única pessoa, não é verdadeiro amoroso, mas sim um apaixonado, e um apaixonado é uma pessoa que ama a si mesma” (KIERKEGAARD, 2013, p.269)<sup>3</sup>.

Fazendo um contraste do amor alteridade kierkegaardiano com o amor platônico romântico, baseado no visível, superficial e imediato, Valls (2000, p. 94) resume: “Tudo se passa como se eu amasse a ele ou a ela, mas na verdade amo somente aquela qualidade, aquela perfeição da qual ele e ela participam. Portanto, amo a perfeição, não o irmão ou a noiva, não a amada ou o amigo. Em contraponto, na alteridade, “a pessoa verdadeiramente amorosa, que ama fazer sem fazer nenhuma exigência de reciprocidade no amor, [...] coloca o amor e a felicidade do amor justamente na não exigência da reciprocidade amorosa” (KIERKEGAARD, 2013, p.273).

Retomemos a teoria kierkegaardiana dos estádios existenciais. Na explicação de Farago (2011, p. 60), o estádio estético a vida é entregue exclusivamente aos sentidos. O contrário de edificar é demolir. Quem não constrói, destrói. A vida de destruição é uma vida baseada neste estádio estético, nos sentidos, no instante, no temporal, mas aquele que domina seus impulsos egoísticos, edifica no amor, faz pelo outro. “Demolir é algo que satisfaz

---

3 O amor romântico exige contrapartida, pagamento, permuta. Todavia, “o verdadeiro amoroso ama a todos e sem exigir ser amado em contrapartida” (KIERKEGAARD, 2013, p.269), a pessoa verdadeiramente amorosa ama a todos homens, enquanto a pessoa enamorada ama um único ser (KIERKEGAARD, 2013, p.272). O famoso filósofo e literato britânico C. S. Lewis, seguindo Platão, na sua obra *Os quatro amores* (2017) vai definir Amor Eros (ἔρως) como amor no sentido de amor romântico. Para o autor de *Cristianismo Puro e Simples*, este amor está relacionado à sexualidade e suas vertentes. Apesar de ser necessário para a vida conjugal, por sua forte atração ao impulso e à emoção é facilmente idolatrado e deturpado.

bem facilmente o homem preso aos sentidos. [...] mas edificar dominando-se a si mesmo, isso só traz satisfação ao amor” (KIERKEGAARD, 2013, p.247).

O amor não busca seu próprio interesse, por isso, edifica. O amor tolera tudo, por isso a outra face da alteridade. Só é possível se colocar no lugar do outro e se respeitar o lugar do outro, a despeito do seu lugar pessoal, quando se tolera tudo no outro. Assim como só se consegue sofrer as diferenças e os erros do outro quando se suporta tudo.

Edificar é pressupor amor nos outros. Nesta pressuposição, o amor se passa despercebido mesmo enquanto arde em serviço ao próximo, aniquila-se inteiramente a si mesmo em favor do outro. Esta relação encontra uma clara comparação com a natureza. De acordo com o autor de *Migalhas Filosóficas*, “Enquanto o homem dorme as forças da natureza não dormem nem de noite e nem de dia; [...] assim se comporta o amor” (KIERKEGAARD, 2013, p.250). O amoroso pressupõe o amor presente no outro por mais que ele não aparente possuir este amor.

Exercitar a alteridade é acreditar no próximo. Deve-se acreditar em todos para não os julgar. O amor é o contrário da desconfiança. “No mesmo minuto em que julgas uma outra pessoa ou censuras um outro homem, tu te julgas a ti mesmo. [...] A desconfiança tem uma predileção para o mal.[...] aquele que não crê em nada já começou a crer no mal” (KIERKEGAARD, 2013, p.265). A desconfiança é tão somente uma manifestação arrogante de saber sem amor e maléfica. Para o autor dinamarquês, o saber coloca tudo na possibilidade. Isto faz com que ele fique fora da efetividade da existência. Neste sentido, o saber é a arte infinita do duplo sentido ou da duplicidade infinita, apenas equilibrando as possibilidades opostas. Amar comporta decisão e o problema do saber é que ele não comporta decisão. Sendo assim, o saber não é amor. A decisão do amor está num *ergo* a partir da fé.

O verdadeiro amoroso crê em tudo porque ele ama a todos sem exigir, em contrapartida, ser amado. Ele não vê problema em ser enganado porque já não esperava o bem de volta ou pagamento da sua justiça. Não existe uma relação de ignorância aqui, mas de decisão. Aqui a primeira ética racionalista kantiana é suspensa por Kierkegaard porque ela não pode suportar qualquer outra instância de valor ético superior ao julgamento do intelecto (GOUVÊA, 2009, P. 139). Não obstante, o amor sabe tanto quando a desconfiança, mas sem ser desconfiado. Na verdade, ao que crê em tudo, não se pode enganar, pois enganá-lo é enganar a si próprio.

Importante destacar aqui que para o autor de *Repetição*, acreditar em tudo a partir do amor está muito longe de ingenuidade ou utopia. Relata que:

com efeito quando o amor crê em tudo, não preciso entender isso de jeito nenhum no mesmo sentido da leviandade, da inexperiência e da credulidade, que acreditam em tudo por ignorância e desconhecimento. Não, amor sabe tanto quanto qualquer um, ciente de tudo aquilo que a desconfiança sabe. [De outra forma], aquele que julga acaba por se revelar. Crer em tudo por leviandade, inexperiência, ingenuidade, é um conhecimento tolo; mas tudo crer por amor, é uma opção exercida em virtude do amor (KIERKEGAARD, 2013, p.265-266).

Quando se engana quem verdadeiramente amou, a pessoa que enganou o amoroso foi quem se enganou: enganou-se a si própria. O amoroso se preserva no amor, permanece no bem supremo, na maior felicidade e, quem ama, por isso, não pode ser enganado. Somente o amor “que exige reciprocidade, ou seja, o amor não verdadeiro, [*não altruísta*], corre o risco de ser enganado ao saber que o seu objeto era indigno” [...] A pessoa verdadeiramente amorosa se preserva justamente ao crer em tudo, e portanto, ao amar o impostor” (KIERKEGAARD, 2013, p.273-276). Isto porque o amor espera tudo sem, todavia, ser confundido.

## 2. AMOR COMO ESPERANÇA E ABNEGAÇÃO E SUA RELAÇÃO COM A ALTERIDADE

A esperança do Cristianismo é a eternidade, nele há luz e sombra, beleza<sup>4</sup> e verdade<sup>5</sup>. Não há segurança num amor *eros*, que é sentimento, paixão no sentido platônico (PLATÃO, 2001), exatamente porque está aprisionado ao temporal, passageiro. Neste ponto, como afirma Macintyre (2007, p. 43), “é fácil demais não observar a dívida positiva de Kierkegaard para com Kant”. De fato, o autor de *O Conceito de Angústia* concordaria facilmente com Kant quando ele afirma que “devemos amar, mesmo quando não somos impelidos a isso por

---

4 Sobre um aprofundamento no conceito de beleza a partir do cristianismo, ver o conceito de belo em Agostinho de Hipona nas obras *Sobre a Música*, *A verdadeira religião*, *A natureza do bem*, *O livre arbítrio* e *As Confissões*. Para o autor católico, de acordo com o capítulo IV do livro décimo terceiro, *A bondade criadora*, da sua obra *As Confissões*, a essência da beleza está na sua “conveniência (decus) e forma (species), pois se delas fossem privadas, não nos atrairiam de modo algum” (AGOSTINHO, 1984). Para uma leitura breve e introdutória, indico o artigo de Rogério Miranda de Almeida: *o Conceito do Belo em Agostinho de Hipona na Revista Basilíade*.

5 Sobre a crítica Kierkegaardiana ao ceticismo da modernidade e o distanciamento da fé cristã, afirma que “a raça humana deixou de temer a Deus. Depois disso, veio o castigo: passou a temer a si mesma, a ansiar pelo fantasmagórico, e agora treme diante dessa criatura de sua própria imaginação” (apud STRATHERN, 1999, p.72). Para o autor de *Discursos Edificantes*, a própria identidade do indivíduo (den Enkelte) se perfazer como aquele homem consciente das categorias existenciais e de seu dever diante de Deus e dos homens (TISSEAU apud SAINT-SAUVEUR, 1993).

uma inclinação. [...] O amor prático está situado na vontade e não no pendor da sensação” (KANT, 2009, p.125)<sup>6</sup>.

Todavia, enquanto o amor como dever kantiano é baseado na racionalidade, para Kierkegaard o amor ao outro como dever é um elemento essencialmente cristão. Se o amor como dever em Kant é fundamentado na razão humana, por isso temporal, o amor kierkegaardiano é uma mudança da eternidade. Ademais, “o dever de amar advoga a tese paulina do escândalo, motivo pelo qual o amor não pode ser alcançado plenamente pela razão” (DE PAULA, 2012, p. 177). E quando o amor se submeteu a esta mudança adquiriu continuidade, permanência.

Para o autor de *Doença para morte*, “amorosamente esperar tudo é o contrário de desesperadamente não esperar nada, nem para si, nem para outrem [alteridade]” (KIERKEGAARD, 2013, p.281). Esperar tudo se relaciona com a temporalidade, pois esperar tudo é *esperar sempre*. O esperar é o composto do eterno com o temporal, relaciona-se com o futuro. O esperar é sempre ambíguo, pois está no possível e não na realidade. A realidade é o instante, ela passa tão rápido que não existe. O presente é o limite que se tornará passado, este é o real, enquanto o futuro é possibilidade, expectativa. Na sua obra *Diário de um Sedutor* de 1843 o autor de Copenhague resume (2021, Kindle): “A filosofia está bem certa quando afirma que a vida deve ser entendida em retrospecto. Mas nos esquecemos do outro princípio, de que deve ser vivida para adiante”.

Esperar (*at haabe*) é viver na leveza da expectativa do bem. Temer é viver na pesada expectativa do mal. Toda a vida de um ser humano deve ser um tempo de esperança, o contrário é desespero. “A eternidade está, com o possível, sempre bastante próxima para ficar ao alcance da mão, e contudo, suficientemente afastada, para manter o homem avançando rumo ao eterno, andando, andando para a frente” (KIERKEGAARD, 2013, p.285). Quem escolhe a esperança ou possibilidade ensina a esperar. Quem ama de verdade mantém sempre aberta a possibilidade do bem. Quem ama *espera* o bem. O desesperado renuncia à possibilidade do bem, por isso não espera. Ele renuncia o ser humano, por isso desespera. “O desespero não espera absolutamente nada em favor dos outros, o amor es-

---

<sup>6</sup> Apesar de defender a existência de uma lei natural, como Rousseau, Kant descartava o domínio da experiência ou dos sentidos sobre a razão, como queria, por exemplo, os empiristas. Entretanto, reconhece que o conhecimento parte dos sentidos, como declara no excerto da obra *Crítica da Razão Pura* (2015): “Todo o nosso conhecimento parte dos sentidos, vai daí ao entendimento e termina a razão, acima da qual não é encontrado em nós nada mais alto para elaborar a matéria da intuição e levá-lo à suprema unidade de pensamento”.

pera tudo” (KIERKEGAARD, 2013, p.287). Se alguém é amoroso, espera pelos outros. “Até para o homem mais decaído subiste a possibilidade do bem, e, logo, ainda há esperança.” (KIERKEGAARD, 2013, p.289).

Ao contrário, a *mundanidade* não pensa assim, por ela ser pesada não espera, mas teme. A mundanidade traz um *olhar mau* sobre o próximo. Um olhar mau não consegue ver o bem. A mundanidade busca amar o próximo para tirar vantagem dele. Mas isso é tolice. Sobre as lentes da alteridade, o amor só é amor quando a vantagem do outro é primária.

A esperança, a possibilidade do bem, é o socorro da eternidade. Quando todas as calamidades se abateram sobre o gênero humano, restou, no entanto, a esperança [...] Não haveria esperança se não houvesse amor. [...] sem amor não há esperança para si próprio, com o amor, há esperança para todos e os outros; esperamos para outros nós na medida em que esperamos para nós (KIERKEGAARD, 2013, p.292).

O amor espera em função do outro porque o *amor não procura o que é seu*, pois procurar o que é seu é egoísmo. Alteridade, neste sentido, é também abnegação. Deus é amor e procurar o que é de Deus é procurar o amor<sup>7</sup>. De outro lado, nenhum homem é amor. Por isso “o amor não busca o seu interesse próprio, pois no amor não existe nenhum Meu e Teu, [...] não há [...] nada que seja próprio de alguém” (KIERKEGAARD, 2013, p. 299). Amar, por isso, é revolução, confusão, abnegação. Não há a distinção entre Meu e Teu para os verdadeiros amantes. No amor não existe trocas. O Meu e o Teu é uma relação de oposição, enquanto o amor é uma relação de fusão com Deus, com o outro, com a comunidade. A rejeição kierkegaardiana da primeira ética kantiana se dá exatamente porque ela tem apenas

---

7 Importante destacar que para Kierkegaard a busca do amor a partir de Deus é somente através do Salto da fé. De acordo com José da Cruz Lopes Marques, em sua tese de doutorado Vestígios de Deus: o problema da fundamentação racional para a existência de Deus, “o filósofo dinamarquês é um dos mais radicais críticos de qualquer tentativa de tornar as verdades da fé dependentes da mediação racional. [Para ele], uma teologia que sente a necessidade de buscar o socorro da razão e da filosofia, demonstra haver renunciado os elementos mais essenciais da fé cristã, a saber o Paradoxo e o Escândalo” (MARQUES, 2020, p.92). Dentro desta mesma perspectiva de acesso a Deus somente por meio da fé sem a necessidade das provas da razão, o filósofo francês Blaise Pascal argumenta que Deus era muito mais reconhecível quando invisível do que quando se tornou visível (PASCAL, 1954, p.510). A partir da noção de Deus Absconditus, ou Deus escondido, o acesso ao amor divino não pode se dá pela via da razão. Neste passo, C.S Lewis também é claro ao argumentar que “Devemos tentar relacionar as atividades humanas denominadas amor ao Amor que é Deus. (LEWIS, 2017, p.169). Para o autor irlandês, fundamentado no famoso verso do apóstolo João em sua primeira carta, se “Deus é amor” (2000), toda atividade amorosa se perfaz a partir do Deus que é amor. Para o autor de O problema do sofrimento, “É fácil reconhecer que somos espelhos cujo brilho, se somos brilhantes, é totalmente derivado do sol que brilha sobre nós” (LEWIS, 2017, p.175).

categorias antropológicas da imanência. Já a Ética-segunda é aquela que faz um elo entre o humano e o divino, o indivíduo e o social, o social e a comunidade (ALMEIDA, 2009)<sup>8</sup>.

O verdadeiro amoroso não procura o que é seu, ele ama o que é próprio do outro. Ele nada entende das exigências dos direitos próprios. Ele entrega tudo sem receber nada em troca. Ele “compreendeu-se no sacrificar-se” (KIERKEGAARD, 2013, p.303). Umberto Regina lembra que “só pode haver obras autênticas de amor se o egoísmo for radicalmente vencido por qualquer forma de reciprocidade” (REGINA, 2016, p. 139). Por isso, o verdadeiro amoroso ama cada um segundo sua característica própria, em completa alteridade. Ele não anseia adaptações do outro em conformação a si próprio. Isso é despotismo, autodefesa. “O amor verdadeiro, o amor que se sacrifica, ama toda e qualquer pessoa de acordo com seu caráter próprio, [sua individualidade], está pronto para realizar qualquer sacrifício: ele não procura seu interesse” (KIERKEGAARD, 2013, p.308).

Se para Aristóteles, discorrendo sobre a *filia* em sua *Ética a Nicômaco*, a amizade como a forma ideal de amor faz com que cada um receba “do outro, em todos os sentidos, o mesmo que dá” (ARISTÓTELES, 1991, p. 177), o amoroso altruísta chega ao ponto de “fazer tudo pela outra pessoa e dar a impressão de nada ter feito” (KIERKEGAARD, 2013, p.312). Ele trabalha sem nenhuma recompensa, nem mesmo a da orgulhosa autoconsciência. Sua vida é num certo sentido inteiramente esbanjada sobre a existência dos outros, por isso mesmo abnegada, em plena alteridade<sup>9</sup>.

### 3. AMOR COMO PERDÃO, PERMANÊNCIA E MISERCÓRDIA E SUA RELAÇÃO COM A ALTERIDADE

Uma vida voltada para o outro não é algo natural para o ser humano. O pensador britânico C. S. Lewis, em sua obra *Os quatro amores*, esclarece que existe uma rivalidade primária entre o eu humano e seu rival o Outro. “A verdadeira rivalidade é entre o eu e o Outro humano” (LEWIS, 2017, p.159). Desta feita, para o desenvolvimento do amor e o avanço

8 Seguindo André Clair em *Une éthique de l'amour*, Phillippe Chevallier em *La doctrine kierkegaardienne de l'amour* e Adorno em seu estudo *Kierkegaard: a construção do estético*, *As Obras do Amor* é a própria materialização desta Ética-segunda.

9 Sobre a relação da alteridade e existência em Kierkegaard, resume Veríssimo: “o amor é endereçamento ao outro. O amor é um existencial, por assim dizer, pois a existência é um endereçamento perpétuo ao mundo. A alteridade compõe a essência do nosso existir no mundo. Encontramos tal acento na alteridade não só em Kierkegaard, como em Heidegger e em Sartre. Pensar a existência é entrar nas considerações sobre a alteridade. Tal encaminhamento é sobremaneira explorado por Kierkegaard em inúmeros textos, seja através da ação, disposição e interlocução de seus personagens, seja por Kierkegaard assumindo de próprio punho a autoral (VERÍSSIMO, 2016, p.22).

humano em busca da alteridade a partir do perdão é necessário a superação desta distância. Lewis e Kierkegaard estão de acordo em assumir que no objeto do amor cristão há sempre um elemento não amável, que realça a nossa rejeição em relação a ele, todavia, possível de se ultrapassar pelo perdão amoroso.

O viver com o outro e para outro exige perdão constante. Somente o amor cobre multidão de pecados. Quem ama perdoa e aproxima, quem não ama amargura (*descobre*) e se afasta. O que ama torna os outros confiantes (*frimodighed*). Pode se aproximar do amoroso porque ele lança fora o temor. “Enquanto o desconfiado espanta de perto de si a todos, o astuto e o dissimulado espalham ao redor de si angústia e penosa inquietude [...] o amor inspira confiança” (KIERKEGAARD, 2013, p.317). Essa franqueza ou confiança que o amoroso inspira salva ele e o outro da morte. “Enquanto aquele que ama se esquece de si mesmo e pensa noutro, [...] O egoísta se agita, [...] faz muito barulho e insiste em seu direito para assegurar-se de não ser esquecido- [...] mas o que ama e esquece a si próprio é recordado pelo amor” (KIERKEGAARD, 2013, p.317).

Por ser recordado pelo amor, o amoroso não recorda ou descobre os pecados do outro. A busca pela descoberta de pecados aumenta os pecados, pois a multidão de pecados sempre cresce. Descobrir pecados é buscar entender o mal, o amoroso busca o conhecimento do bem. Descobrir pecados no outro leva à comparação, comparar-se com os outros é “uma maneira ruim de se tornar melhor” (KIERKEGAARD, 2013, p.323). Todo homem tem grande inclinação para ver as falhas do próximo, mas, o Cristo, em seu amor, encobria pecados. Ao chegar à cruz não se amargurou porque não quis descobrir<sup>10</sup>.

Falar dos pecados dos outros lhes aumenta, o rumor torna o pecado maior do que é. Mexericar é sinal de perversidade, difamação é uma peste. Se a explicação é aquilo que faz do objeto aquilo que ele vem a ser, uma explicação difamatória sobre os erros do próximo os torna reais, enquanto uma explicação atenuante sobre os erros do próximo torna os erros menores. “Deixa o magistrado designado pelo Estado [...] descobrir culpas e crimes: nós outros não temos vocação para juízes [...] somos chamados por Deus a praticar o amor, ou

---

10 Viver uma vida de perdão e fuga dos descobrimentos dos erros do outro exige intensa paciência. Mas o amor edifica pela paciência e nesta não há espaço para a falta de perdão, inveja ou rancor, pois inveja e rancor negam o amor na outra pessoa, corroem sua fundação. Aquele que ama não pode ter inveja ou rancor porque carrega os fardos do outro. A inveja e o rancor buscam destruir, mas o amar é edificar. Tem-se paciência porque o amor sabe tolerar. Tolerar-se porque o amoroso espera do outro uma manifestação de amor e assim constrói a partir do outro, edifica.

seja, a cobrir uma multidão de pecados com a ajuda de uma explicação atenuante.” (KIERKEGAARD, 2013, p.330).

Se uma explicação atenuante sobre os erros do próximo torna os erros menores, o perdão os apaga. Se pela fé se crê que o invisível esteja incluído no visível, pelo perdão, o amoroso crê que o visível esteja excluído. O erro visível se torna invisível aos olhos do crente. Perdão é um ato de fé, é a capacidade de tornar o visível invisível. Aquilo que se vê, ao ser perdoado, acaba não sendo visto (KIERKEGAARD, 2013, p.332). O perdão tira a vida do pecado. Recusar perdoar dá vida ao pecado. “O pecado cresce pelo pecado; o fato de que um pecado persista é um novo pecado [...] O amor cobre a multidão dos pecados; pois o amor impede que o pecado surja, ele o sufoca em seu nascimento” (KIERKEGAARD, 2013, p.334). O pecado existe na natureza do homem, mas espera a ocasião (*o intermediário*) para o seu florescimento. O amor expresso no perdão sufoca o florescimento do pecado porque desnobre a ocasião. O amor vigia para que nenhuma ocasião seja oferecida para o pecado.

Mas além de cobrir multidão de pecados, ou seja, perdoar, o amor permanece, o amor jamais passará. “O amor permanece contra toda angústia, todo cansaço que o presente suscita” (KIERKEGAARD, 2013, p.339). Mas se ele permanece está também no futuro e com ele o consolo necessário aos corações ansiosos. Isso porque não se pode deixar de amar. Se alguém algum dia deixou de amar um outro é porque nunca o amou verdadeiramente, pois o amor verdadeiro não é uma relação essencialmente a dois. Não se pode depender do amor do outro para amá-lo. “Se o amor fosse tão somente uma relação entre dois, um estaria sempre a mercê do outro” (KIERKEGAARD, 2013, p.343). O terceiro ente de uma relação amorosa verdadeira é o próprio amor. E ele é a base e o sustento do amor a dois.

O amoroso não consegue fazer ruptura com o próprio amor, pois assim deixaria de ser amoroso. E o amor permanece, dessa forma, não se rompe. Nesse sentido, o amor está ligado ao eterno, sempre pertencente ao futuro. Se no futuro se amará, não se pode, hoje, deixar de amar. “Aquele que ama diz: Eu continuo [...] o amoroso não quer saber do passado, pois ele continua” (KIERKEGAARD, 2013, p.344). Graças ao eterno, o amor verdadeiro rejuvenesce, por isso o passado não tem poder sobre ele. Dessa forma, “Manda embora o passado; afoga-o no esquecimento eterno, persistindo amorosamente: então, o fim é o começo e não existe ruptura (*Brud*) (KIERKEGAARD, 2013, p.345)” O amor no sentido profundo não corrói, repousa no eterno, e há tempo bastante na eternidade para amar. A única estação correta do amor é a eternidade e na eternidade do amor se perfaz a misericórdia.

Para o autor de *Temor e Tremor*, alguém pode ser misericordioso mesmo sem ter nada para dar. Poder ser misericordioso é algo muito maior do que apenas ter para dar. Misericórdia está muito além do dinheiro, porque está na eternidade. Dinheiro não entra no céu, enquanto misericórdia habita a celestialidade. “A eternidade tem o olhar mais agudo e a compreensão mais desenvolvida para a misericórdia, mas ela não entende absolutamente nada de dinheiro [...] eternamente dinheiro é menos do que nada” (KIERKEGAARD, 2013, p.359-360). Dinheiro é um deus da mundanidade. O cristianismo não dá *seriedade* ao dinheiro. Apesar do paganismo ensinar que o dinheiro não tem cheiro (*non olet*), para o cristianismo ele tem e cheira mal. A misericórdia, então, independe do dinheiro, ela está na motivação. Por isso um pobre que dá uma moeda por dar muito mais do que um rico que dá milhões.

Ao contrário do pensamento da *temporalidade*, é mais difícil ser verdadeiramente misericordioso ao doar muito. “Doar muito atrai a atenção sensível sobre si e com isso perturba a visão para a misericórdia” (KIERKEGAARD, 2013, p.369). O falso misericordioso dá muito para que todos veja e a ele seja dado glória<sup>11</sup>. O misericordioso desvia a vista do que dá para que não haja glória para si. O falso misericordioso doa fundamentado na temporalidade. A temporalidade exige honra e recompensa imediata, pois é passageira. O verdadeiro misericordioso doa (ou não) fundamentado na eternidade. Ninguém que espera as recompensas da eternidade espera receber recompensa no temporal. E nesta relação da misericórdia com o eterno exsurge a reconciliação.

#### 4. AMOR COMO RECONCILIAÇÃO, RECORDAÇÃO E ELOGIO E SUA RELAÇÃO COM A ALTERIDADE

É a vitória da reconciliação no amor que conquista o vencido. O amoroso luta para conquistar aquele que foi vencido pelo amoroso. Este vence o vencido quando retribui o mau do vencido pelo bem. Depois dessa vitória parcial, o amoroso busca a vitória completa. Esta só é real quando esvazia a causa do desamoroso e o conduz à vitória. Em resumo, “lutar com o auxílio do bem contra o inimigo é coisa louvável e nobre, mas lutar em favor do

---

11 Possível alusão às doações farisaicas narradas nos evangelhos. Os fariseus cheios de si, fundamentados no visível e temporal, doavam para serem vistos pelos homens. Com isso estancavam a misericórdia. Em contraponto, de acordo com o evangelho de Marcos 12 e Lucas 21 (BIBLIA, 2000), a viúva pobre, ao doar uma moeda, doa muito mais porque com intenso amor sacrificial e somente para Deus, a partir do invisível. O misericordioso desvia a vista do que dá para que não haja glória para si. O falso misericordioso doa fundamentado na temporalidade.

inimigo- e [...] contra si mesmo [...] é reconciliação no amor” (KIERKEGAARD, 2013, p. 376). Mesmo sofrendo a injustiça, o amoroso não apenas perdoa retribuindo o mal com o bem, como busca a reconciliação com o inimigo.

Na *mundanidade* o justo é o proporcional à ofensa. No crístico, o justo é retribuir da forma mais amorosa a quem mais odiou. Depois de ter amado da forma completa, resta ao amoroso não dá a impressão que venceu o vencido. O verdadeiro amante reconhece que é o bem que vence e não ele. “O amoroso se humilha diante do bem, de quem ele é o humilde servidor [...] Eis o que é inseparável de todo amor verdadeiro: a modéstia sagrada” (KIERKEGAARD, 2013, p.381). A modéstia é a atitude basilar do amoroso, pois ele vive *diantes de ou aos pés da eternidade*, aos pés de Deus. Diante desta grandiosa e infinita realidade não há orgulho, mas humilhação e pequenez. Apenas na humildade do reconhecimento da dependência do perdão eterno se encontra forças para perdoar e reconciliar-se na vida terrena.

A morte é uma categoria filosófica bastante trabalhada na filosofia ocidental. Sobre a morte como objeto de análise ou categoria filosófica, Marques resume que (2021, p. 258):

De fato, a colocação da morte como objeto de análise ou como categoria filosófica é um empreendimento quase tão antigo quanto a própria origem da filosofia, como nos lembra exemplarmente a célebre definição socrática da filosofia enquanto preparação para a morte (*thanatou melēte*), encontrada no *Fédon*, (PLATÃO, 2004) concepção retomada por Cícero (2002) e, posteriormente, por Michel de Montaigne (2004) em seus *Ensaíos*. O próprio Epiteto costumava atribuir a origem da filosofia ao sentimento de impotência que invade o homem diante das situações-limite, a exemplo da morte, ideia semelhante àquela encontrada em Sêneca (2006) em seu breve tratado *Sobre a brevidade da vida*.<sup>12</sup>

Assim como na filosofia ocidental, a morte (*død*) na filosofia kierkegaardiana também encontra seu lugar de destaque. Na própria dedicatória de abertura dos *Discursos Edificantes* o autor dinamarquês expressa este tipo de amor ao seu pai. “Ao defunto Michael Peder-

---

12 Para o autor, “versões mais contemporâneas da relação entre a morte e a filosofia podem ser encontradas em Jaspers (2016) para quem, ‘a existência só desperta quando o existente é sacudido pela ideia da morte’ ou Heidegger em sua célebre definição do homem (Dasein) como o ser para a morte em *Ser e tempo*. Assim, não nos surpreende a afirmação de Schopenhauer (2001) na abertura de sua *Metafísica da morte* de que ‘a morte é a musa inspiradora da filosofia’. A título de exemplos preliminares, não poderíamos deixar de mencionar a definição de Heidegger (2005) do homem (Dasein) enquanto ser para a morte em *Ser e tempo*”. Para o aprofundamento sobre a obra do amor da recordação da pessoa falecida, vê artigo de José da Cruz Lopes Marques publicado na revista brasileira de filosofia da religião intitulado: *A Tarefa de Recordar a Pessoa Falecida: Considerações sobre o Amor em Kierkegaard*. Brasília / v. 8 n.º 1 / jul. 2021.

sen Kierkegaard, que foi alfaiate nesta cidade, meu pai” (KIERKEGAARD, 2010). Especificamente sobre a obra de amor que consiste em recordar uma pessoa falecida (capítulo 9 de *As obras do Amor*), vê-se também neste capítulo uma alusão a seu admirado professor Paul Martin Møller a quem Kierkegaard dedicara *O Conceito de Angústia*.

A recordação de uma pessoa falecida é para o autor a obra de amor mais abnegada que existe<sup>13</sup>. É lógico para todos que um “morto não é um objeto real; ele é tão somente a ocasião que [...] revela o que reside no interior do vivente” (KIERKEGAARD, 2013, p.389). Por isso, esta é a obra do amor mais desinteressada porque afasta toda possibilidade de retribuição. É a obra do amor mais livre porque longe das amarras da correspondência amorosa. Se alguém consegue amar alguém que nunca mais poderá retribuir este amor, ama em plena alteridade. Sob a perspectiva do amor como eternidade, amar a quem faleceu é o cumprimento mais pleno deste amor. Ama-se eternamente se se ama independentemente da vida ou da morte. Como arremata a autora espanhola Laura Llevadot<sup>14</sup> em seu comentário (*apud*, STOKES, 2011, p. 214):

Aquele que segue o preceito de amar os mortos descobre um amor que é gratuito, desinteressado, e sem esperança, porque os mortos não têm expectativas e não podem nos recompensar da maneira que gostaríamos e esperaríamos dos vivos. O dever de amar os mortos expressa o dever de amar incondicionalmente e sem interesse.

A última obra tratada por Kierkegaard é a obra do amor que consiste em fazer o elogio do amor. Esta obra só consegue ser realizada se interiorizada na abnegação. Nesta, Deus está presente. “Só na abnegação pode um homem eficazmente elogiar o amor” (KIERKEGAARD, 2013, p.406). Isso porque na abnegação o homem deixa Deus dominar a sua vida. Nesse processo ele é tomado pelo amor mais profundo e verdadeiro que somente há em Deus. Como a abnegação é o reconhecimento da incapacidade de fazer algo por si próprio, Deus toma a dianteira e lidera o processo de amar. Como Deus é quem ama por meio do

13 O amor aos mortos como pura expressão de amor genuíno é criticada duramente pelo filósofo alemão Theodor W. Adorno. O autor expressa esta contrariedade dizendo: “O que há de ruim nisso está bem manifesto: o amor aos mortos é o que exclui da maneira mais completa aquele que, vivendo, retribui amor, propriamente a subjetividade em geral. Assim, ele parece ser o amor coisificado, pura e simplesmente fetichizado” (ADORNO, 2010, p. 334). Seguindo a crítica ao amor à pessoa falecida de Kierkegaard, Patrick Stoker (2011, p. 255) vai argumentar que a reflexão kierkegaardiana teria como foco o amor ao morto em si mesmo, afastando-se do amor em concreto na vida real.

14 Para aprofundamento do pensamento desta autora sobre Kierkegaard, ver a obra *Kierkegaard through Derrida: toward a postmetaphysical ethics*.

amante, não há correspondência ou retribuição do amado ao amor do amante. O desapego abnegado (*i opoffrende Uegennyttighed*) ou a atitude que se sacrifica sem buscar utilidade para si é plena alteridade. Ama-se total e completamente em função do outro. Não se espera nada para si, senão a consciência humilhada de se amar abnegadamente por Deus. Em síntese,

Pela abnegação, um homem adquire a possibilidade de ser um instrumento, na medida em que interiormente ele se aniquila diante de Deus; pelo desinteresse abnegado, ele se aniquila exteriormente e se transforma num servo inútil; no interior, ele não se torna importante aos próprios olhos, pois ele não é nada; no exterior, ele também não se torna importante, pois ele não é nada; ele não é nada diante de Deus - ele jamais esquece que está diante de Deus, onde quer que ele esteja (KIERKEGAARD, 2013, p.409).

Amar de forma abnegada é amar de forma alicerçada no eterno. Amar em desinteresse ou desapego abnegado (*i opoffrende Uegennyttighed*) é amar de uma forma não instantânea ou não baseada no instante. Amar baseado no instante é amar fundamentado nos homens. Quando o homem é a medida de todas as coisas o instante se prolonga no temporal. Mas o instante não conhece o amor verdadeiro, altruístico, voltado pra fora. Isso porque o amor verdadeiro é o da abnegação e ela consiste, exatamente, em renunciar o instante e ao instantâneo.

Um dos exemplos práticos do amor instantâneo é amor pela beleza externa. Ela é passageira como é o instante. Amar a beleza física é amar de forma instantânea, é amar o amável. Porém, o amor abnegado ama o não amável. “O belo é o objeto imediato, direto do amor imediato; ele é a escolha da inclinação e da paixão” (KIERKEGAARD, 2013, p. 417). Mas o próximo é o feio a quem devemos amar desinteressadamente, sem a recompensa do reconhecimento o do prazer estético. Dessa forma, “para poder elogiar o amor, é preciso então, interiormente, abnegação, e exteriormente, um desapego que se sacrifica” (KIERKEGAARD, 2013, p.418). Em suma, “Ama a pessoa amada fielmente e com ternura, mas deixa o amor ao próximo ser aquilo que santifica o pacto com Deus da união de vocês; ama teu amigo sinceramente e com dedicação, mas deixa o amor ao próximo ser aquilo que lhes ensina na amizade de um para com o outro a familiaridade com Deus (KIERKEGAARD, 2013, p. 83).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma interpretação estanque da teoria kierkegaardiana dos estádios existenciais – estético, ético e religioso - é bastante problemática. Para o autor dinamarquês, os estádios posteriores não aniquilam os anteriores que o antecedem. A existência do estádio religioso, por exemplo, não exsurge apenas quando se termina o estádio ético. O homem religioso não deixa de ser ético, tampouco o ético necessariamente deixa de ser estético por completo. Mesmo o homem mais religioso ainda luta contra as algemas dos sentidos. A tese da heterogeneidade radical entre os estádios não encontra suporte numa interpretação aprofundada de Kierkegaard.

Ao contrário da tese, viu-se por meio das *As obras do amor – Algumas considerações cristãs em formas de discursos* publicadas em Copenhague, em 1847, que existe uma aproximação real entre o ético e o religioso. Para isso, o trabalho se aprofundou na segunda parte ou seção da obra mencionada. Nesta segunda seção, o autor de Copenhague sai do fundamento evangélico para a teologia paulina. A partir dos discursos do apóstolo de Tarso sobre o amor, Kierkegaard inicia trabalhando a ideia de amor como aquilo que edifica. Mas para que aja a edificação plena é necessário crença no outro, expectativa de um agir amoroso. Na alteridade, se busca o que é do outro, se perdoa, pois o amor está fundamentado na eternidade misericordiosa divina a partir da qual ele reconcilia a todos. Nem mesmo a morte rasga o verdadeiro amor, ele se abnega do visível e se projeta para a eternidade. É neste passo que a segunda seção das *Obras do Amor* de Søren Kierkegaard vai se desenvolver.

O trabalho agrupou as ideias da segunda seção da obra em quatro partes. Fazendo relação com a alteridade, na primeira parte, trabalhou o amor como edificação e crença. Na segunda parte, amor como esperança e abnegação. Na terceira parte, amor como perdão, permanência e misericórdia. Por último, abordou o amor como reconciliação, recordação e sua relação com a alteridade.

O livro *As Obras do Amor* de Søren Kierkegaard trata de alteridade, amor para fora de si. O crístico ensina uma vida circular. O amor deve partir da interioridade de uma vida diante de Deus (*coram Deo*) para o agir diante dos homens. Apesar do crístico se desviar de uma vida voltada para a atenção do mundo exterior, o amor cristão é voltado ao exterior, ao outro. Por mais que o cristão viva uma vida a partir da consciência, num olhar voltado pra Deus em todas as circunstâncias, ele expressa essa realidade interna no exercício do amor ao próximo (*kjerlighed*).

O amor da vida cristã é um amor baseado na fé, esta é a crença no invisível. Porém, a crença no amor invisível e divino-celeste se reflete no amor visível ao humano e terreno, o combate da fé a ser enfrentado a cada dia. Deus está presente em todo o tempo, assim também deve ser o amor. A relação do amor divino com o ser humano consiste em a cada instante tornar o infinito aquilo que a cada instante há no ser humano. Tudo o que se disser ou se fizer aos outros Deus apenas o repete. E ele o repete com a amplificação do infinito.

**REFERÊNCIAS:**

ADORNO, Theodor W. **Kierkegaard**: Construção do estético. Trad. Álvaro Valls. São Paulo: UNESP, 2010.

AGOSTINHO. **As Confissões**. Paulus editora; 1ª edição, 1984.

ALMEIDA, Jorge M. **Subjetividade e Assimetria ética**. In: Subjetividade, Filosofia e Cultura. São Paulo: Ed. Liberars, 2011.

\_\_\_\_\_. **Ética e existência em Kierkegaard e Levinas**. Vitória da Conquista: BA, Eduesb, 2009.

\_\_\_\_\_. O amor crístico como fundamento da ética da alteridade em kierkegaard. *Religare*. V. 7, n. 1, 2010, p. 33 – 42.

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. São Paulo: Nova Cultural, 1991.

BÍBLIA. Português. **A Bíblia Sagrada**: Antigo e Novo Testamentos. Versão revista e atualizada de João Ferreira de Almeida. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2000.

CHEVALLIER, Philippe. **La doctrine kierkegaardienne de l'amour**. *Revue des sciences philosophiques et théologiques*. Tome 89, 2001, p. 87 – 112.

CLAIR, André. **Une éthique de l'amour**. *Revue des sciences philosophiques et théologiques*. Tome 86, 2002, p. 229 – 240.

DE PAULA, Márcio Gimenes. **Kierkegaard e Kant**: algumas aproximações entre a ética do amor e a ética do dever. *PHILÓSOPHOS*, Goiânia, v.17, n. 2, p. 159-180, jul./dez. 2012.

FARAGO, France. **Comprender Kierkegaard**. Petrópolis: Vozes, 2011.

GOUVÊA, Ricardo Quadros. **A Palavra e o silêncio**: Kierkegaard e a relação dialética entre fé e razão em Temor e tremor. São Paulo: Alfarrabio: Custom, 2002.

KANT, Immanuel. **Fundamentação da Metafísica dos Costumes**. (Tradução e nota de Guido de Almeida). São Paulo: Barcarolla e Discurso Editorial, 2009.

\_\_\_\_\_. **Crítica da Razão Pura**. Tradução de Fernando Costa Mattos. 4ªed. Vozes, 2015.

KIERKEGAARD, Søren. **As obras do amor**: Algumas considerações cristãs em forma de discursos. 2. ed. Trad. Álvaro Valls. Petrópolis: Vozes, 2013.

\_\_\_\_\_. **Diário de um Sedutor**. Lebooks Editora (8 novembro 2021).

\_\_\_\_\_. **Discursos Edificantes**; Tres Discursos para Ocasiones Supuestas. Madrid: Trotta.

\_\_\_\_\_. **O conceito de angústia**. 2. ed. Trad. Álvaro Valls. Petrópolis: Vozes, 2010.

\_\_\_\_\_. **Temor e Tremor**. Lebooks Editora (8 novembro 2021).

\_\_\_\_\_. **Pós-escrito às Migalhas filosóficas**. Vol. 01. Trad. Álvaro Valls. Petrópolis: Vozes, 2013.

\_\_\_\_\_. **Works of Love**. Trad. do dinamarquês e introdução de Howard W. e Edna H. Hong. Princeton, New Jersey: Princeton University Press, 1995. (KW XVI).

LE BLANC, Charles. **Kierkegaard**. São Paulo: Estação Liberdade, 2003.

LEWIS, C.S. **Os quatro amores**. 1ªed. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2017.

MACINTYRE, Aslaidair. **After virtue**: A study in moral theory Third edition. Notre Dame: University of Notre Dame Press, 2007.

MARQUES, José da Cruz Lopes. **Vestígios de Deus**: o problema da fundamentação racional para a existência de Deus. Eusébio, CE: Peregrino, 2020.

\_\_\_\_\_. **A Tarefa de Recordar a Pessoa Falecida**: Considerações sobre o Amor em Kierkegaard. Brasília / v. 8 n.º 1 / jul. 2021

PASCAL, Blaise. **Oeuvres complètes**. Paris: Gallimard, 1954.

PLATÃO. **Apologia de Sócrates e Banquete**. São Paulo: Martin Claret, 2001.

REGINA, Umberto (2016). **Kierkegaard**. São Paulo: Ideias e Letras

ROOS, Jonas. **Tornar-se cristão: O paradoxo absoluto e a existência sob juízo e graça em Søren Kierkegaard**. 2007. 247 p. Tese (Doutorado em Teologia). Escola Superior de Teologia (EST), São Leopoldo, RS.

SAINT-SAUVEUR, Lovinson. **L'individu selon Kierkegaard**. Fac – Réflexion. n. 23, 1993, p. 26-41.

STERN, Robert. **Understand moral obligation: Kant, Hegel e Kierkegaard**. Cambridge: Cambridge University Press, 2012.

STEWART, Jon. **Kierkegaard's relations to Hegel reconsidered**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003

STOKES, Patrick; BUBEN, Adam (ed.) (2011). **Kierkegaard and Death**. Indiana: Indiana University Press

SRATHERN, Paul. **Kierkegaard em 90 minutos**. Tradução de Marcus Penchel, consultoria de Danilo Marcondes. Rio de Janeiro: Zahar, ed. 1999.

VALLS, Álvaro Luiz Montenegro. **Kierkegaard: Cá entre nós**. São Paulo: LiberArs, 2012.

\_\_\_\_\_. **Entre Sócrates e Cristo**. Ensaios sobre a ironia e o amor em Kierkegaard. Porto Alegre: EDIPCURS, 2000.

VERÍSSIMO, Luiz José. **Considerações sobre as obras do amor a partir da leitura de Kierkegaard**. Ítaca. V. 30, n. 1, 2016, p. 19 – 39.